

REINOS DO CONGO E DO NDONGO

META

O discente deverá ao término desta aula perceber as características de dois grandes reinos africanos, identificando as relações políticas e econômicas mantidas com os portugueses, bem como entre os reinos africanos.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
identificar as características dos reinos do Congo e do Ndongo e as suas relações com os portugueses, bem como as ligações entre esses reinos.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ter compreendido os tipos de escravidão, bem como suas características, como também alguns aspectos do tráfico de escravos.



Quadro representando o encontro da expedição portuguesa com a família real do Reino do Congo. (Fontes: <http://old.antislavery.org>).

INTRODUÇÃO

Catirina mubamba mandou me chama
Louvo em terra Louvo no má
Catirina mubamba mandou me chama
Isto tudo é louvo que viemos dá
Mãe de Deus do Rosário nos quêra ajuda
Isto tudo é louvo isto tudo é louva
Catirina de Congo de Congoriá
A rainha de Congo de Congoriá
A rainha de Congo mandou me chama
Catirina de Congo mandou me busca
Bom Jesus Navegante nos quêra ajudá
Bom Jesus do Sinhô nos quêra ajudá
Coração de Jesus nos quêra ajuda
(Grifos meus) (DANTAS, 1972, 109-110)

O texto acima é uma das músicas das taieiras de Laranjeiras. Na mesma há uma menção direta ao reinado do Congo. No Brasil, existe algumas danças que rememoram o mesmo reinado, como as congadas dentre outras. E a rainha Nzinga ou Jinga é rememorada em cantigas de capoeira na atualidade. Qual será o(s) motivo(s) de esse reinado ser tão presente na memória dos brasileiros? Bem como a rainha Nzinga? Esta rainha além de ser lembrada em cantigas, também é lembrada através da filmografia como o filme *Atabques d´Nzinga* e peças teatrais como a peça *Comida de Nzinga*. Nesta aula pretendemos apontar alguns elementos desse reinado como também do Ndongo, reino que teria nascido a rainha Nzinga. E possivelmente ao término poderemos ter mais subsídios para pensar na indagação citada.



Imagem da rainha Nzinga Mbandi.
(Fontes: <http://batuquesdecrioula.files.wordpress.com>).

A ORIGEM DAS SOCIEDADES NA REGIÃO DA ÁFRICA CENTRAL OCIDENTAL

Os povos que viviam entre o rio Zambeze, a floresta equatorial e as savanas são majoritariamente da família lingüística bantu. Os primeiros povos que habitaram essa região foram os bosquímanos que eram caçadores e coletores, no entanto, com a migração dos bantus, os primeiros se mudaram para o sul da atual Angola. Os bantus sempre se deslocavam em busca de novas terras para cultivarem. Os bantus levaram para a região a agricultura e a metalurgia e se instalaram nas margens dos rios. Dentre os rios estava o Zaire, o Kwango, nas proximidades desses rios.

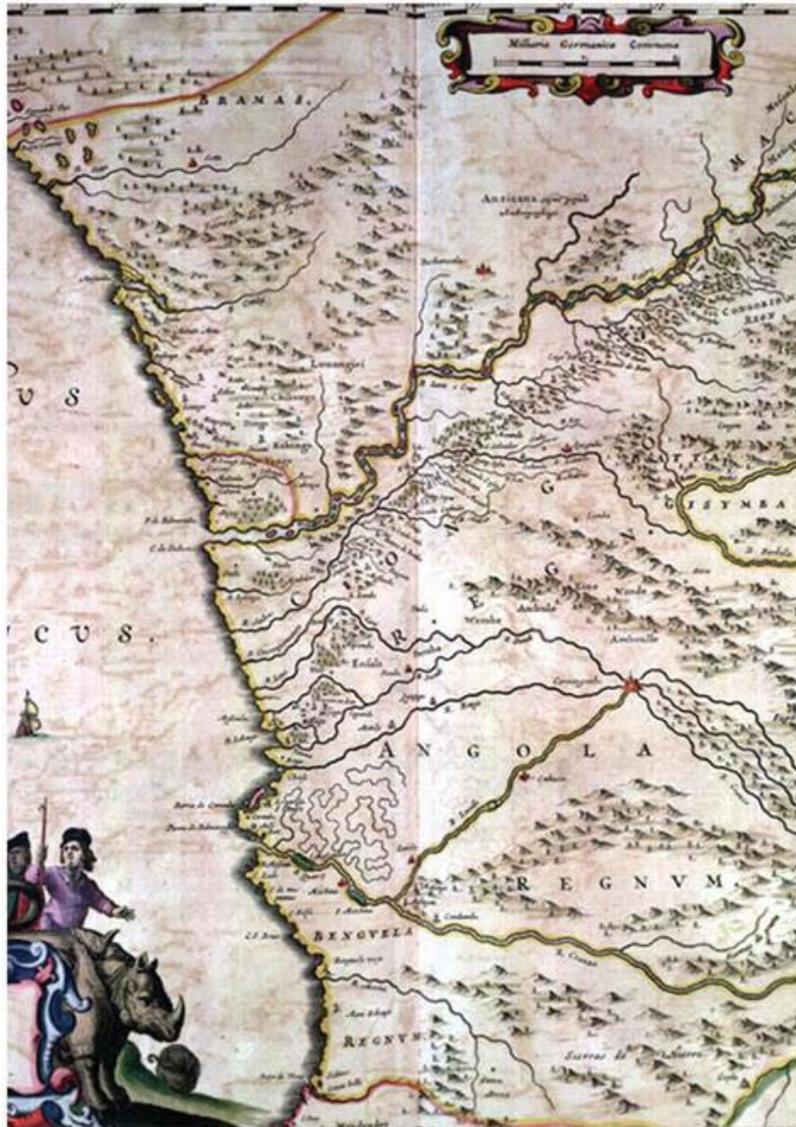
Os bantus praticavam além da agricultura a caça, a pesca, a coleta e o comércio. Praticavam a queimada na agricultura e cultivavam cereais. Havia uma divisão sexual de atividades laborais.

As comunidades conheciam a descendência matrilinear e patrilinear. Na primeira maneira o tio materno tem autoridade sobre as crianças e assim as crianças estão ligadas a família materna, na segunda as crianças pertencem a família paterna e a relação pai-filho é mais forte que na matrilinear. Os membros das linhagens tinham um ancestral comum e a unidade base política era a aldeia e o poder estava baseado no território.

Dos bantus originaram vários povos, dentre eles os mbundus, os bacongos, os jagas dentre outros e vários reinos como o do Congo, o Lunda e o Ndongo. Esses reinos se relacionavam, estabeleciam trocas comerciais e culturais. Viviam em uma hinterland. Por fim, ressalto que muitos desses povos vieram para as terras brasileiras e segundo Slenes conseguiram se comunicar em línguas africanas, mesmo sendo de povos distintos, pois nas suas línguas tinham pontos em comum por serem da mesma família. Os bacongos possuíam como língua o kikongo, os mbundu e os lunda a língua Kalunda. Mas esses povos possivelmente se entendiam.

O REINO DO CONGO

O Reino do Congo ficava localizado no norte do atual país Angola. Os limites eram ao norte o Rio Zaire e ao sul o rio Loge, no leste o baixo Kuango. E o povo do Reino do Congo era majoritariamente os bacongos.



Mapa do Reino do Congo e das terras de Angola (Fonte: <http://www2.iict.pt>).

O Reino do Congo foi o primeiro a estabelecer contato com os portugueses na região da África Central. Eles chegaram no século XV no Reino do Congo, e o contato estabelecido com os congueses foi pacífico. Os historiadores apontam diversas versões para explicar o fato mencionado. A primeira é que os congueses acreditaram que os portugueses seriam os ancestrais dos mesmos. Os bacongus acreditavam que o mar seria o calunga e que dividiria o mundo dos vivos e dos mortos; como também que os congueses acreditavam que seus ancestrais seriam albinos. Essas duas crenças teriam sido os motivos para eles acreditarem que os portugueses eram os ancestrais.

Segundo Alberto da Costa e Silva, após a chegada de Cortez na América e que o mesmo foi confundido com um Deus, os europeus interpretaram todas as boas recepções como se tivesse o mesmo motivo. E os congueses

perceberam que uma aliança com os portugueses poderia ser lucrativa para os mesmos. Os portugueses fizeram um acordo com o manicongo, rei do Congo, para levar quatro congueses a Portugal e após quinze luas eles retornariam. Esses congueses retornaram e relataram tudo o que viram em Lisboa para o manicongo, assim como detalhes da viagem, por conta disso, o rei do Congo percebeu que uma aliança com os portugueses seria vantajosa para os mesmos. Segundo Pantoja, para alguns historiadores, foi para manter uma centralização que o reino do Congo se aliou aos portugueses e se converteu ao cristianismo.

ASPECTOS RELIGIOSOS E AS MUDANÇAS

Os quatro congueses retornam ao Congo com vestimentas à européia e falando português. A elite conguesa fica fascinada com os elementos citados e com os presentes recebidos, por isso abraça o projeto de aproximação com a Corte portuguesa. Nesse contexto a elite do Congo e o manicongo se convertem ao catolicismo. As possíveis motivações para a conversão foram:

- O catolicismo consistiria na religião dos ancestrais;
- O catolicismo seria um meio de estreitar a relação com os portugueses;
- Uma maneira de abrandar o poder dos sacerdotes, os mesmos detinham o poder religioso no reinado.
- Não haveria contradições na conversão, pois a religião dos congueses existia alguns elementos que permitiram uma aproximação da religião Católica.

Os sacerdotes do Reino do Congo, responsáveis pela vida religiosa no reino, pregavam a vida após a morte, a crença em um Deus supremo, também acreditavam nos iníquices, as mulheres eram as geradoras de espírito e incentivavam a fé nos amuletos com o intuito de se protegerem. Os católicos acreditavam na ressurreição e em um Deus supremo, existe os santos e a Nossa Senhora ocupa um lugar de destaque no culto católico. Por fim, os católicos usam cruzeiras e escapulários com o mesmo intuito que os congueses carregavam os saquinhos mágicos, dentre outros amuletos.

Há historiadores que defendem que a conversão foi apenas aparente e por interesses econômicos. Esse pode ter sido o caso de Nzinga a Nkuwa, o D. João I. No entanto, também existiram casos em que a conversão aconteceu de fato, um exemplo é o filho do rei citado, Mbimba Nzinga, o D. Afonso I, segundo os religiosos católicos, ele era um grande conhecedor da Bíblia e defendia os preceitos religiosos. Todavia, foi casado com várias mulheres.

Houve duas categorias que se opuseram a conversão: os sacerdotes e os muxicongos (topo de uma espécie de aristocracia). Os últimos seriam 12 linhagens matrilineares e delas saía o manicongo. Entre os costumes

dos congueses estavam a poligamia, rei era casado com várias mulheres que pertenciam na maioria das vezes as 12 linhagens citadas. Esse aspecto permitia um revezamento entre as doze famílias mencionadas. Com a conversão seria adotada a primogenitura e a monogamia e por conta desses dois pontos houve resistência a conversão. Além do fato dos sacerdotes perderem o poder e por isso também resistiram.

ASPECTOS ADMINISTRATIVOS E POLÍTICOS

O Reino era dividido em seis províncias, a de Soyo, Mbamba, Nsundi, Mpango, Mbata e Mpemba. Na última estava a capital Banza Congo. (PANTOJA, 2000, 58). Havia ainda os estados independentes e chefias como os Mbundu que provavelmente pagavam tributos ao Manicongo. O Ndongo, por exemplo, pagava imposto ao reino do Congo, seu vizinho ao norte. Cada província tinha um chefe que era nomeado pelo manicongo. E uma das funções do manicongo e dos demais chefes era recolher os impostos. Alguns dos cargos recebiam o mani, como o Manivangu- juiz de adultério e governador de Banza Congo.

No Reino haviam as cidades e as aldeias. Nas mbanzas, as cidades, viviam a elite do reinado, as pessoas que possuíam títulos no reino. A aldeia era a menor unidade política que existia no Congo Um conjunto de aldeias também era administrado por um funcionário nomeado pelo Manicongo.

O reino do Congo, conforme foi citado era matrilinear e dessa maneira ocorria a sucessão do reino. Segundo Pantoja, também havia um colegiado formado pelos muxicongos para escolher o rei, no entanto, esse costume foi modificado pelos portugueses.

Essas mudanças resultaram no fato do primogênito do rei assumir o trono e essa alteração trouxe conflitos na sucessão do trono. Mbemba Nz-inga, o D. Afonso I, era o primogênito do seu pai, no entanto não era um muxicongo. Pelos costumes do Congo ele não seria o herdeiro do trono, mas após a morte do seu pai ele saiu da província que administrava com o apoio dos portugueses, em direção a Banza Congo, a capital do Congo. Lá ele assassinou o seu irmão que era herdeiro do trono e assume o mesmo.

D, Afonso I teve um longo reinado, mas com a sua morte, as lutas pela sucessão do trono continuaram. Houve um clima de suspense de quem seria o próximo Manicongo, pois ele preferiu não indicar seu filho, o Ngaga Mebmebe cujo nome católico era Pedro. Pedro pertencia a mesma Canda do pai e por isso os muxicongos não aceitariam essa sucessão, porque novamente não estaria circulando o poder entre as candas. Assim para os mussicongos, o herdeiro do trono teria que ser um filho de outra esposa dele que não fosse a principal. Os portugueses não conseguiam compreender esse costume nem a possibilidade de ter no trono o que para eles seria um filho ilegítimo. Ngaga Mebmebe assumi o trono com o apoio

dos portugueses, entretanto, ficou pouco tempo, pois D. Diogo, neto de Dom Afonso I, filho da sua filha Nzinga ou Jinga venceu o tio através das armas. D. Diogo tornou-se manicongo até 1561 e seu tio se refugiou em uma igreja onde faleceu em 1566. D. Diogo teve a oposição de parte dos portugueses. Assim, os momentos de sucessão do trono passaram a ser momentos de tensão e de conflito.

Não havia um exército permanente, mas havia uma guarda composta por estrangeiros que talvez fossem escravos. (PANTOJA, 2000, 61). O exército era chamado em caso de guerra pelos chefes de aldeia que recebiam ordens para fazerem essa convocação, por isso, a formação de um exército era lenta. O reino não tinha estrutura para participar de uma guerra longa por falta de organização e estratégias militares.

ASPECTOS CULTURAIS

No reinado de D. Afonso a influência de Portugal foi ampliada. O projeto do rei citado era transformar o Congo em uma Portugal africana e por isso sempre pedia reforços a Portugal. As mudanças foram mais visíveis entre a elite do Congo, dentre as mudanças destacamos o uso de roupas e dos títulos da nobreza portuguesa, a construção de casas de tijolo e de telhas e de pontes de pedras e a utilização de alguns carros com roda. Inicialmente, os homens usavam roupas de couro e as mulheres raspavam a cabeça e usavam panos coloridos na cabeça, mesmo entre os membros da elite. Com o contato intenso dos portugueses a elite foi modificando sua maneira de trajar.

A educação no Reino do Congo ficava a cargo dos missionários. No entanto, o número era insuficiente e não havia uma continuidade nos trabalhos dos mesmos na África. Mesmo diante desses problemas alguns congueses da elite foram alfabetizados em português e aprenderam aritmética dentre outras temáticas.

A SOCIEDADE E A ECONOMIA NO REINO DO CONGO

A arrecadação do reino ocorria através dos tributos pagos pelos moradores das províncias e dos reinos que eram subordinados ao Congo. Esses tributos eram pagos através de tecidos, sal, couro dentre outros. Havia uma festa anual para as províncias prestarem contas. Outra atividade econômica importante era a pesca de zimbo e por fim, os direitos alfandegários. Eram comercializados sal e uma palmeira que tinha usos diversificados. Com a chegada dos portugueses, porcelanas, vinhos dentre outros produtos eram trocados por escravos. A agricultura também era praticada e entre os produtos estavam a banana e o inhame.

A sociedade no Congo antes da chegada dos europeus já era hierarquizada. E a hierarquia e a estratificação social eram percebidas até mesmo na alimentação. A elite se alimentava de galinhas, carnes bovina e caprina enquanto a plebe se sustentava com verduras, legumes, ovos e raramente peixes e caças.

A ESCRAVIDÃO NO REINO DO CONGO

Um homem com poder sempre tinha escravos que desempenhavam diversas funções, dentre elas a agricultura e o comércio. Pantoja citando Birmingham aponta que a região preferida dos bacongos adquirirem escravos era o sul, entre os mbundus. E o principal porto de exportação era o de Mpinda.

O escravo era considerado um bem, mas após ele ser incorporado na família ele não podia mais ser vendido. Os filhos dos escravos eram livres, e eram incorporados na sociedade, muitas vezes na linhagem do senhor dos seus pais, reforçando a mesma, como também os ex-escravos eram incorporados; todavia numa condição inferior. Essa escravidão é classificada pelos historiadores de doméstica e consistia segundo Silva num estado de escravidão transitória. Entre os escravos não havia divisão sexual do trabalho e por isso os homens e mulheres escravos auxiliavam as mulheres na lavoura. Ressaltando que entre os livres existia divisão sexual do trabalho e cabiam as mulheres vários dos serviços da lavoura, como semear e colher. Os prisioneiros de guerra trabalhavam na lavoura aos arredores de Banza Congo.

O manicongo tinha o monopólio do comércio de escravos, zimbos e dos produtos europeus, tecidos, bordados, rendas, porcelanas dentre outros. Era obrigação de o rei dividir os produtos entre os governadores da província, líderes de aldeia e cabeças de linhagens. Com o monopólio o rei garantia o seu poder e prestígio e poder de negociação.

Inicialmente o manicongo pagava aos portugueses pelos seus produtos em peles, zimbos, mel, cobre dentre outros produtos. Os escravos também eram usados como mercadoria, mas na maioria das vezes eram dados como presentes para os portugueses. Ressalta-se que os portugueses que recebiam os pagamentos em zimbos, trocavam essa moeda por escravos e vendia aos seus patriotas. O escravo era uma maneira de converter a moeda. Com o tempo o número de produtos importados aumentou e os congueses não conseguiam pagar os portugueses com os produtos já citados. E os últimos começaram a insinuar que queriam como pagamento os escravos. Com isso, as campanhas para conquistar escravos aumentaram e os homens que eram mortos nas campanhas passaram a ser escravizados.

O fato de o Manicongo ter o monopólio do comércio fazia com que os membros da elite conguesa não tivessem acesso direto aos produtos e esse fato incomodava aos mesmos. E também aborrecia os moradores da Ilha

de São Tomé, pois os mesmos tinham direito cedido pela Coroa de comercializar com os congueses. Enfatiza-se que os moradores da Ilha tinham interesses diferenciados dos da Coroa. Esta via a Ilha como um ponto de apoio para a catequese e o desenvolvimento econômico do Congo. Já os moradores da ilha não tinham nenhum interesse que o projeto europeizador desse certo, pois os mesmos viam o Congo como um grande fornecedor de escravos. Para o desespero dos moradores da Ilha de São Tomé, a Coroa assume o poder exclusivo de negociar com o Congo, em 1512. Os portugueses envolvidos no negócio que residiam no Congo se dividiram, uns apoiaram a Coroa e outros os moradores da Ilha de São Tomé. No mesmo período esses moradores se aproximaram do Ngola para comercializar, pois estavam insatisfeitos com a Coroa Portuguesa. Ao chegar nas margens do rio Kwanza, os portugueses, encontraram o reino do Ndongo e o seu rei, chamado de Ngola e por isso denominaram a região de Angola.

O escravo tinha se tornado a base do comércio entre os congueses. O número de comerciantes aumentou e a maioria dos portugueses, residentes no Congo estava envolvida com o comércio, fossem padres ou aventureiros que buscavam dinheiro. Esses portugueses traficavam escravos, desrespeitando o monopólio do manicongo, compravam escravos em feiras, pátios das casas dos congueses e faziam conflitos nas divisas com o intuito de conseguir o mencionado bem. A elite conguesa, por sua vez, passou a escravizar por pequenos delitos, vendiam os escravos penhorados por dívida.

D. Afonso I começou a perceber que sua autoridade estava desafiada e que seu poder sobre a nobreza conguesa ocorria por conta do controle dos bens. Com isso, em 1526, D. Afonso I escreveu ao rei de Portugal, D. João III, solicitando que não mais enviasse produtos importados, apenas sacerdotes e professores. E, que o Congo não enviaria mais escravos. O rei de Portugal respondeu ao Manicongo que se ele procedesse conforme o solicitado contribuiria para acabar com o projeto europeizador já iniciado.

Percebendo que não podia acabar com o comércio, D. Afonso I decidiu criar um Comitê, cujo intuito era fiscalizar os escravos que seriam comercializados. Observando procedência e formas de obtenção, assim, caso alguma escravidão fosse injusta seria devolvida a liberdade ao escravo. Com isso, o comércio de escravos se concentrou em Banza Congo e Pinda. Essa atitude de D. Afonso I mostra que ele não era contrário a escravidão, mas que não desejava ver congueses serem escravizados, a exceção seriam os que tivessem cometido um delito grave. O Manicongo sabia que se o número de pessoas das linhagens diminuísse reduziria também a produção agrícola e se a linhagem vendesse seus súditos quebrariam com os laços de solidariedade da linhagem do seu grupo, podendo motivar conflitos.

Com o decorrer do tempo, os portugueses descobriram as feiras de escravos, os pumbo, próximas ao lago Malebo onde trocavam escravos por zimbos, o que não se sabe é se as tais feiras já existiam antes das chegadas dos portugueses, mas é sabido que o número de escravos aumentou de forma

sensível nas tais feiras. E que boa parte desses escravos era proveniente dos conflitos armados entre os angicos e os congos da província de Sunde.

D. Afonso I lucrou conseguiu o seu intento, pois cessou ou diminuiu o tráfico no seu reinado de congueses. E, teve ganhos políticos com as feiras do Malebo, pois os portugueses, os muxicongos e as candas precisavam de zimbos para fazer o comércio, pois os tios e os angicos queriam receber na mencionada moeda e apenas o Manicongo tinha o domínio dos búzios. Além desse controle, o Manicongo cobrava taxas de trânsito pelos escravos que embarcavam em Pinda, porto do Congo. E as plantações de D. Afonso I também serviam para abastecer as embarcações e alimentar os escravos. Ou seja, o Manicongo construiu possibilidades de lucrar com o comércio de escravos.

DECLÍNIO DO REINO

O reino do Congo estava bem enfraquecido seja pelas disputas nas sucessões, como também pela divisão entre os adeptos do catolicismo e das religiões que lá já existiam, e por fim tentando para manter o controle do comercio de escravos. Nesse contexto, no século XVI, o Reino do Congo foi atacado pelos jagas ou iagas, lembrando que o exercito era uma instituição frágil nesse reino.

Os grandes guerreiros eram os líderes dos jaga. O poder dos jagas ameaçava o poder das linhagens e enfraqueciam a gerontocracia, os homens mais velhos tinham poder, mulheres e dinheiro. Enquanto que os jagas não valorizavam a família e a entrada no grupo ocorria mediante a passagem por alguns ritos. Eles entraram no Congo através da província de Mbata que era a fronteira leste do reino. (SILVA, 2002, 391)

Alberto da Costa e Silva mostra que havia um debate de quem seriam os jagas, se seriam os mesmos mbangalas, também houve autores que defenderam que não houve invasão jaga, mas sim uma revolta no reino por conta das disputas do trono. O mesmo autor citando Anne Hilton menciona que a palavra jaga no quicongo antigo significaria bárbaro, estrangeiro. A autora não descarta a possibilidade dos jagas serem fossem oriundos de movimentações “das populações angincas e congas” que estariam fugindo de seqüestros e razias e por isso se fixaram no médio Cuango e lá não tiveram o interesse em reconstruir as linhagens, mas sim adquirir escravos para o manicongo. (SILVA, 2002, 391)

Os jagas invadiram o Congo através da província Bata ou Mbata, a que ficava mais a leste. Munidos de escudos, punhais dentre outras armas conseguiam escravizar a população do Congo e fornecer aos moradores da Ilha de São Tomé, além de queimarem e destruírem o que encontraram nas cidades. Durante o conflito a população não tinha alimentos e por isso, trocava seus escravos e até mesmo parentes com os moradores da Ilha de São Tomé por alimentos. O rei de Portugal enviou 600 homens para auxiliar

o manicongo que na época era D. Álvaro.

Ressalto que no mesmo período que o Reino do Congo lutava contra os jagas, também conflitou contra o Ndongo e esses tiveram o apoio dos jagas. Fruto desses conflitos, em 1556 o reino do Ndongo conseguiu ficar independente dos tributos que pagava ao manicongo devido a esse estar enfraquecido em virtude dos conflitos internos e externos.

A reconquista foi conseguida após cinco anos. Alguns soldados não retornaram para Portugal, se envolveram com mulheres do Reino do Congo, passaram a traficar e ocupar cargos no reino. D. Álvaro tinha receio dos mestiços, fruto das uniões dos portugueses com as mulheres do seu reino, pois ora eles tendiam para os portugueses e em outros momentos para as linhagens matrilineares da sua mãe. Por conta desse receio D. Álvaro solicitou ao reino que mandassem mulheres para se relacionarem com os portugueses. Aos poucos o Reino do Congo foi se inserindo novamente no tráfico.

O REINO DO NDONGO

O Ndongo foi um reino que estabeleceu ao sul do Congo e tinha como principal povo os Mbundus. O Ndongo foi o principal palco das chamadas guerras angolanas, foi o reino que assistiu aos portugueses erguerem uma cidade, Luanda, para auxiliar na conquista do reino. Mas no Ndongo também nasceu uma grande articuladora política e militar, a Nzinga Mbandi.

A ORIGEM DO REINO DO NDONGO

Os mbundus se estabeleceram desde a idade do Ferro na região, pois a mesma era propícia para a agricultura e a pecuária. Desde o século XVI, os Mbundus colhiam sal e pescavam os búzios, os já citados zimbos. E comercializavam esses produtos com o Reino do Congo, os mbundus pouco estabeleciam trocas comerciais com o litoral.

As linhagens se organizaram e construíram estados com uma federação de linhagens, esse foi o caso dos Mbundu que estavam em sua maioria no estado do Ndongo. Eles viviam entre o rio Longa e o Bengo, nas fronteiras respectivas sul e norte, e o rio Luhandu ao leste. Os Mbundu incluíam os Lenge, Ndongo, Songo, Mbondo, Pende, Hungu, Libolo.

Os mbundus desejavam controlar as linhagens e assim seriam hegemônicos, utilizavam para isso a inserção de novas instituições. Primeira forma de organização social e política eram as aldeias que eram compostas por parentes, irmãos, tios e sobrinhos. A esposa morava com o marido, no entanto ela e seus filhos pertenciam à sua linhagem. Os filhos moravam com os pais até crescerem quando isso ocorria se mudavam para a casa ou aldeia da família materna. Os mais velhos permaneciam na aldeia contribuindo na formação de uma identidade de linhagem, e as solteiras permaneciam

nas aldeias da sua família. Estrangeiros podiam viver na aldeia, mas não repassavam suas regalias adquiridas para seus descendentes. As aldeias controlavam as terras férteis para a agricultura e a criação de animais, as florestas para a caça e os rios para a pesca.

Os títulos e as posições que existiam nas linhagens foram importantes na centralização. Os chamados titulares possuíam insígnias sagradas, além de poder e responsabilidades com as suas linhagens. As linhagens tinham linhagens- filhas e sobrinhas e essas estavam subordinadas a linhagem que concedeu o título.

ASPECTOS RELIGIOSOS

Os rituais eram chefiados por um ancião e os mesmos só ocorriam entre os parentes. Os que faziam o culto cobravam impostos e lealdade, por isso os cultos contribuíram para uma unidade política. A autoridade política estava associada a espiritual que estava relacionada a posse de objetos sagrados. Um dos primeiros cultos que contribuiu para a unidade política foi o do Malunga. Os mbundus faziam figuras de madeira e colocavam-nas junto aos rios para que as mesmas mediassem junto ao Deus do tempo para que promovesse as chuvas.

Outro culto foi o do Ngola que apareceu em um momento de expansão da economia. Os guerreiros mbundus eram os detentores do culto ao Ngola que era responsável pela fabricação do ferro. O culto ao Ngola era mais flexível que o do Malunga e do Mulemba, outro culto dos Mbundus. E os ferreiros tinham uma grande importância na sociedade, pois eles que fabricavam os instrumentos que eram utilizados na agricultura. Por fim, os mbundus passaram a ter um Ngola nas suas aldeias para melhor se defenderem.

Com a chegada dos portugueses chegaram algumas ordens religiosas para converter a população ou parte dela. Dentre as ordens religiosas estavam os jesuítas. E Nzinga Mbandi se converteu por estratégias políticas e no final da sua vida teria se tornado uma católica.

A CENTRALIZAÇÃO E ASPECTOS POLÍTICOS

A centralização do reino esta associado ao culto do Ngola. Este manteria a independência das linhagens. O título do Ngola não conflitava com os títulos das linhagens. O poder do Ngola foi aumentando no sentido político e militar e no século XVI já existiria um parentesco Ngola. Em um período de calamidade, um Ngola teria assumido submetido todos ao seu poder, e o seu sobrinho, Ngola Kiluanji o sucedeu no trono. Em meados desse mesmo século o Ngola Kiluanji já tinha expandido seu poder político e religioso e por isso passou a controlar o comercio e os depósitos de ferro. Assim quando os portugueses chegaram na região encontraram um Ngola

que administrava um Estado centralizado e que controlava as linhagens, também possuía um exército que podia lutar contra os portugueses, e domínio territorial através das instituições criadas.

O Ndongo era um estado organizado, além do Ngola, o rei, havia o tendala que ajudava o rei tanto em períodos de guerra como nos de paz; e estava imediatamente subordinado ao rei e também existia o Ngolambo o chefe da guerra. O território era dividido em partes e cada uma delas tinha um chefe local. O Ngola era assessorado por um conselho de paz e guerra que o ajudava nas grandes decisões. Além do conselho, havia pessoas que cuidavam do Ngola, o Moenelumba, responsável pela moradia e os bens do Ngola. O Muenequizole era responsável pela alimentação dos assistentes e convidados do Ngola.

ATIVIDADES ECONÔMICAS

Os mbundus herdaram dos bantus que migraram para a região um leque diverso de atividades econômicas. Eles continuaram usando técnicas rudimentares na agricultura e o solo não muito fértil, esses dois motivos provocavam mudanças a procura de melhores áreas para cultivar. Não havia irrigação, e concomitante existia as secas e os parasitas. Por esses motivos as colheitas eram irregulares e o resultado eram alguns períodos que faltavam alimentos para a população. Além da agricultura praticavam a pesca para complementar e também eram artesãos, teciam fios, cordas dentre outros.

Havia uma divisão de gênero e de hierarquia nas tarefas, os escravos e as mulheres livres, como também era no Reino do Congo, eram os responsáveis pela agricultura. As mulheres também pescavam o zimbo. Os homens livres aprontavam o terreno para a agricultura, derrubavam as florestas e queimavam. Também caçavam, construíam as casas, fabricavam canoas, barcos e os instrumentos necessários para a agricultura. E ainda pescavam em alto mar. As feiras eram algo que marcava a paisagem do reino do Ndongo, nelas eram vendidas farinha, legumes, sal, ferro dentre outros produtos, compunham uma grande rede comercial.

SOCIEDADE

A população era subordinada ao Ndongo, todavia havia uma hierarquia entre os livres e não livres, os últimos trabalhavam mais que os primeiros. Eram considerados escravos, os prisioneiros de guerra, os escravos por dívidas, os criminosos fosse por adultério ou por bruxaria. Os filhos dos escravos trabalhariam menos que seus pais e os netos não seriam mais escravos. Os escravos podiam acumular bens e ficarem livres e ocuparem cargos de destaque no reino, como o de conselheiro do Ngola.

O Ngola tinha várias esposas e eram selecionadas entre as filhas dos chefes locais. Possivelmente era uma maneira de construir alianças políticas.

Uma esposa era tida como a principal, a Amvalia Irene e a(s) outras(s) era(m) secundária(s). Os filhos do Ngola com as secundárias recebiam terras para tirarem seu sustento. As mulheres do Ngola moravam em locais distintos, e isso era uma estratégia de controlar o território.

As mulheres tinham um papel importante na sociedade e por isso para elas de casarem o marido teria que pagar o alembamento, uma espécie de dote, para a família da noiva. Com o alembamento o marido passava a ter direito sobre a produção da mulher e na reprodução de maneira relativa, já que os filhos dela pertenceriam a sua família. As mulheres se fossem mal tratadas pelo esposo podia retornar para a família dela e o marido era ridicularizado. O casamento construía alianças entre as suas famílias.

Uma prática cultural usual era a poliginia, um homem poder casar com várias mulheres. Essa prática é comum em regiões que as mulheres são as responsáveis pela produção. Um aspecto importante é que as mulheres eram maioria entre os escravos.

AS CIDADES

O Ndongo tinha algumas grandes cidades que foram comentadas pelos cronistas. Angolema era uma delas, e foi uma das capitais do Ndongo. Os cronistas da época a compararam no tamanho com Évora. Teria entre cinco e seis mil casas de madeira.

As capitais do Ndongo sempre estavam sendo mudadas, em um momento foi Angolema, posteriormente foi Kabaça e ainda tiveram outras capitais. No entanto, as capitais sempre estavam próximas as rotas das minas de sal e de ferro. Para Pantoja, O Ngola defendeu essas regiões dos portugueses e as motivos das mudanças de capital seria um tema que precisa ser melhor investigado. (PANTOJA, 90). Outro aspecto também é que devido aos conflitos os Ngolas tiveram que se deslocar e com esse deslocamento tiveram que formar outras capitais. Outra capital foi Maopungo, uma cidade que ficava entre as rochas. O Ngola, irmão de Nzinga, tinha duas residências, uma em Kabaça e outra em Vunga, outra cidade do Ndongo. Outra grande cidade da região era Luanda e foi criada pelos portugueses em 1575 para contribuir na conquista do Ndongo.

CONTATO E OS CONFLITOS COM OS PORTUGUESES

O primeiro contato com os portugueses ocorreu em Luanda. Segundo Pantoja, os mbundus associaram os portugueses aos ancestrais porque teriam vindo do mar. Os portugueses seriam os Ndeles, espíritos nocivos, posteriormente essa expressão passou a significar o outro. Lembrando que a explicação de Alberto da Costa e Silva para o Congo pode ser aplicada

aqui. Será que eles acreditaram que os portugueses eram seus ancestrais ou foram os portugueses que interpretaram isso? Acredito que da mesma forma que ocorreu no Congo, os mbundus acreditavam que podiam se beneficiar com essa relação. Em 1540 o Ngola da época que o KJiluanji buscou contato com os europeus para ter ajuda nos conflitos que estavam existindo no período. A ajuda chegou vinte anos depois, ou seja, em 1560. Neste ano o rei português enviou Paulo Dias Novais para negociar com o Ngola. Este pensou que com o auxílio dos portugueses poderia conseguir mais riquezas e poder, por isso solicitou que o rei enviasse comerciantes e padres e enviou prata de presente para o rei.

Após o recebimento dos presentes, o rei de Portugal acreditou que existia minas de prata na região e por isso reenviou Paulo Dias com alguns padres. No entanto, ao chegar no Ndongo encontraram um reino em disputa entre as linhagens, o Ngola que eles tinham negociado tinha falecido e o seu sucessor não queria receber os portugueses. Pantoja citando outros historiadores e documentos da época, afirma que o rei do Ndongo não recebeu Paulo Dias por influência dos moradores da Ilha de São Tomé, outro motivo seria a decepção com os comerciantes de escravos.

Novais viu religiosos e tripulantes falecendo enquanto ele esperava o Ngola no porto. E após cinco meses ele resolveu desobedecer o Ngola e foi até a capital, Angolema. Encontrou o a mesma destruída, pois tinha sido incendiada e o Ngola estava residindo em Kabaça.

O Ngola não se converteu e prendeu o Paulo Dias Novais e o padre Gouveia. O primeiro ficou preso por cinco anos e foi solto somente quando o Ngola precisou do mesmo para negociar com os portugueses para conseguir reforços militares contra os seus opositores.

Em 1586, um exército composto pelo Congo, Ndongo e Jagas derrotaram os portugueses. Um das respostas dos últimos para não sofrerem mais derrotas foi construir um forte denominado Massangano, na junção entre os rios Lucala e o Kwanza, ponto estratégico em um momento de conflito.

As lutas entre os portugueses e os mbundus perpetuaram. Ambos disputavam o domínio do comércio de escravos. Os portugueses queriam aumentar o comércio, pois a demanda nas Américas era crescente. As formas dos portugueses obterem os escravos eram diversas, indo da compra nas feiras até os empreendimentos militares. Nas feiras que ocorriam no interior do Ndongo, onde também eram comercializados outros produtos, iam os escravos dos portugueses ou mulatos para comprarem os escravos. Outra maneira era através da tributação aos sobas, os chefes africanos. Os mesmos tinham que pagar tributos em forma de escravos e por fim quando o acesso as feiras era dificultado pelos sobas, mostrando desobediência ou rebeldia ou ainda quando os sobas não pagavam os tributos eram enviadas expedições militares, ou seja, eram utilizados os conflitos. (PANTOJA, 2000, 92).

Os portugueses utilizavam o termo “resgate” para as suas ações com os africanos, o pois eles estariam “resgatando” os africanos do seu mundo cheio de pecados e inserindo no mundo cristão e ocidental, e transformando-os em escravos para as Américas. (PANTOJA, 2000, 91). Cadornega mencionava que nesse período, final do XVI e início do XVII, saía de Luanda anualmente cerca de 10 mil escravos que tinham como destino o Brasil. Essa migração trouxe sequelas para os mbundus, pois algumas aldeias e cidades ficaram despovoadas.

No mesmo período, no século XVI, os adeptos do Cassange entre os lunda criaram um grupo militar chamado de mbangala que se expandiram por toda a região. Os mbangalas abandonavam suas etnias, recebiam esse título através dos ritos de iniciação e treinamento militar agudo possuíam rigorosas regras de comportamento, dentre elas o do canibalismo em rituais. Ainda no XVI, eles alcançaram o litoral se envolveram com o tráfico. (PANTOJA, 2000, 74) Nesse momento costuraram uma aliança com os portugueses e ajudaram no ataques contra o reino do Ndongo.. Além do duplo ataque o Ndongo ainda sofria com as secas e esse ponto favoreceu aos portugueses e mbangalas. Ressalto que a forma de organização dos mbangalas ou imbangalas se assemelhava a dos jagas.

Em 1617, Portugal declarou guerra ao Ngola Mbandi, irmão de Nzinga, com o apoio dos comerciantes e dos imbangalas. Esse conflito se iniciou devido a um forte que foi deslocado pelos portugueses de Hango para Mbaca. E esta região ficaria próxima da capital e de algumas minas. Por esse motivo, o Ngola reagiu e os portugueses deflagraram o conflito. Outro ponto é que esse forte afrontava os sobas que eram fieis ao Ngola.

Luís Vasconcelos, governador de Luanda, chegou em 1617 nas terras angolanas e inicialmente mostrou-se atraído em promover uma política de conciliação com os africanos. No entanto, logo em seguida, ele organizou várias guerras e subordinou 109 chefes africanos que deveriam pagar tributos. Uma dessas campanhas militares destruiu as residências do Ngola, e o mesmo se refugiou nos limites ao leste do Reino do Congo. Em meio as guerras os portugueses construíram mais fortificações e procuravam mais meios para obter escravos. Segundo Carvalho, esse governador defendia a política da fixação dos portugueses no território angolano. A capital do período, Kabaça, foi destruída e foi empossado um novo Ngola, o soba Sumba a Ntumba. Todavia, a população não aceitou o novo Ngola por não pertencer aos Mbandis. Por conta dessa guerra até mesmo as cidades ficaram desabitadas, o que dificultava o comercio e o tráfico. E por isso, o rei espanhol, Felipe IV preferiu retornar uma política de aliança, pois essa guerra prejudicaria o tráfico. Lembrando que nesse período, entre 1580 e 1640, ocorria a União Ibérica.

Em 1621, o novo governador de Luanda João Correia de Souza, iniciou o processo de conciliação com o Ngola Mbandi, que novamente solicitou a retirada do forte. Nesse processo de reconciliação, começaram a troca de embaixadas e em uma dessa embaixadas, Nzinga, irmã do Ngola, foi

negociar. Forneceremos posteriormente mais informações desse encontro.

Paralelamente aos conflitos com o Ndongo, os portugueses enfrentaram os holandeses que estavam na costa angolana. Enfatizo que na época os portugueses estavam conflitando com os holandeses no Brasil. Esse novo confronto aliado a resistência dos mbundus atrapalharam o projeto dos portugueses de unir e submeter toda a África que é chamada na atualidade de Austral, de Angola a Moçambique. O projeto seria conseguido via domínio do interior das chamadas terras angolanas.

NZINGA MBANDI, UMA BELICOSA MULHER

No ano de 1582, nascia no Ndongo, Nzinga, aquela que mais tarde ficou conhecida por sua diplomacia, inteligência e soberania. Nzinga nasceu da união existente entre Junga Mbandi Ngola Kiluanji, o Rei do Ndongo, com uma escrava Mbundo, Guenguela Cancombe, onde esses casaram-se na aldeia de Ndambi a Embo, tornando o ano 1582 propício ao rei, devido este ter sido derrotado pelos portugueses no alto Cuanza. Segundo Pantoja, também há a versão que ela era filha de um das esposas do Ngola, a dita esposa seria filha de um chefe local e não seria escrava. (78) Nzinga nasceu sob signos astrológicos, o que predizia calamidades para seu povo. Como era de costume, invocaram a alma dos reis mortos para determinar seu futuro, através da meditação sobre o relicário com os ossos dos ancestrais, concluindo que a região seria invadida por homens brancos no período em que a rainha Nzinga estivesse no poder do trono Ndongo. (GLASGOW, 35-36) Os Achinguela, os adivinhos, passaram a noite intercedendo para que o Nzinga tivesse uma melhor sorte. (PANTOJA, 2000, 78).

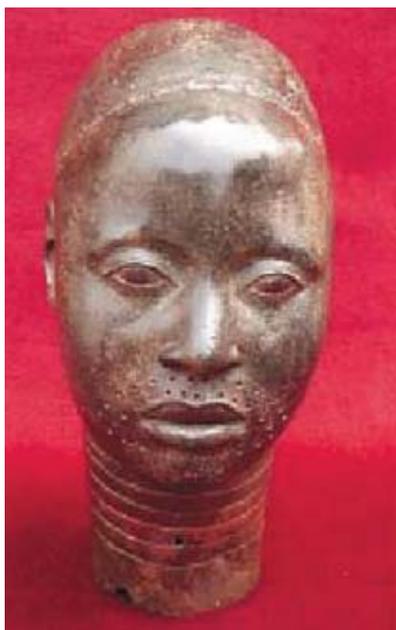


Imagem da Rainha Nzinga (Fonte: <http://www.recoveredhistories.org>).

Pantoja, citando a tradição oral, menciona que o Ngola Kiluanji desejava que a filha mais velha, a Nzinga se tornasse a sua sucessora pelo fato da mesma mostrar astúcia e inteligente. No entanto, o rei sabia que para seu desejo não seria realizado com facilidade, pois seus conselheiros colocariam obstáculos. Segundo Pantoja, alguns documentos apontam que o impecilho para ela ser rainha seria o fato de ser mulher. Todavia, a autora citada menciona que esse “impecilho” merece ser melhor apurado. (PANTOJA, 2000, 79-80)

Nzinga teve uma educação esmerada e ficou a encargo de uma velha. Com a senhora ela aprendeu os costumes do seu povo incluindo a religião, a cultuar Temba-Ndumba a divindade que teria originado o Ndongo.

O pai de Nzinga faleceu em 1617. E assumiu o trono Kia Mbandi, irmão de Nzinga. Para isso, segundo Pantoja ele teria assassinado alguns conselheiros que eram favoráveis a sua irmã e o seu sobrinho, filho de Nzinga, que seria um potencial herdeiro do trono. Após esse episódio ela se refugia na Matamba. Lá ela aprende ritos e cerimônias com os imbangalas.

Nzinga começou a viver nos quilombos, esses eram uma fortificação que possuía escravos para serem comercializados, e que abrigava escravos fugidos dos portugueses. Possivelmente os chefes Lunda entraram em contato com os mbundus e dessa ligação resultaram os quilombos, uma organização baseada nos campos de guerra. Para participar dos quilombos passava-se um por um rito, não era através das linhagens, esse fato também enfraqueceu as mesmas, além disso, aumentou o poderio do chefe guerreiro. As crianças nascidas nos quilombos também passavam por uma iniciação. Elas juntamente com as mulheres participavam do exército. Os quilombos conflitaram diversas vezes com os portugueses, e venceram em alguns momentos.

Os quilombos eram organizados em quarteirões. No quartirão central ficava a residência do chefe e nas proximidades a dos auxiliares. Os cargos que existiam no reino do Ndongo e que ficavam próximos ao Ngola também havia nos quilombos. O Moenelumba também residia no quartirão central, e também havia o Ngolambole, o comandante da guerra. O songo era a unidade militar básica dos quilombos. (PANTOJA, 2000,101)

O primeiro contato de Nzinga com os portugueses, registrado por estes, ocorreu em 1622, quando ela foi enviada a Luanda na qualidade de embaixadora de seu irmão, chefe maior do Ndongo. Do contato com o então governador de Angola, João de Sousa, resultou um tratado de paz que de fato não vigorou, e o batismo de Jinga, que ao aceitar a religião dos brancos recebeu o nome cristão de Ana de Souza. Ela causou uma forte impressão no governador e demais autoridades portuguesas, comportando-se como chefe de estado habilidosa. Segundo os relatos ela foi recebida pelos portugueses com toda pompa e a população que residia em Luanda também foi às ruas ver a temida Nzinga. Nzinga ao entrar na sala percebeu que havia apenas

uma cadeira e algumas almofadas e por isso ela não ficaria na mesma altura quando se sentasse que o governador, por isso, ela teria ordenado a uma das suas escravas que servisse a ele de cadeira, assim ela fez o corpo da escrava de cadeira e ficou na mesma altura que o governador. Esse é um momento da narrativa da vida de Nzinga que percebe-se a sua astúcia.

Com a morte de seu irmão, em 1624, o Ngola do Ndongo, Nzinga tornou-se a tutora do seu sobrinho. E logo em seguida assumiu o poder com o apoio dos anti-portugueses e também devido ao fato dela ser uma Mbandi. Segundo os cronistas da época, ela teria assassinado o irmão e o sobrinho, e assim pode assumir o trono. Outra mostra da astúcia e diplomacia de Nzinga foi ao negociar com os sobas e convencê-los a serem aliados dela.

Nzinga, a rainha do Ndongo e da Matamba, como ela se definia negociava com os portugueses a localização do forte, através de cartas, e o não pagamento de tributos a Portugal, ou seja, a independência do Ndongo. O último ela conseguiu por um tempo, no entanto, os portugueses não queriam ceder em relação ao forte. Em troca a mudança de localização do forte ela ofereceu os escravos que estavam no seu quilombo. Os portugueses ficaram um ano sem atacar o Ndongo, pois a guerra contra os holandeses estava acirrada.

Fernão de Souza, outro governador, declarou guerra a Nzinga por volta de 1627, o governo da Mbandi emperrava os negócios de Portugal na região. A expulsaram do Ndongo e colocaram no seu lugar Aire Kiluanji e novamente a população não aceitou. E a capital do Ndongo passou a ser Maopungo.

Nzinga retornou a Matamba casou com Mbangala Cangola para selar a sua união com esse povo. Ela também conseguiu alguns reinos como seus aliados, Congo e Kassange. E por fim, os sobas de algumas províncias, Moseque e Kissama, também apoiavam Nzinga no conflito contra os portugueses. Ressalta-se que Nzinga teve diversos maridos, adotou a poliandria, uma mulher com diversos homens. Os cronistas mencionavam que ela participava de orgias sexuais e ordenava que seus maridos se vestissem de mulheres. (115-116) No entanto, não sabemos se essas informações são visões etnocêntricas dos cronistas dos costumes da Matamba e que eles não conseguiam compreender.

Em 1629, os portugueses queriam aprisionar Nzinga, pois a população continuava sem reconhecer o Ngola e o poderio de Nzinga crescendo e com isso os conflitos continuaram. Ela promovia guerrilhas as feiras, atrapalhando o comércio dos portugueses. Em meio aos confrontos, as irmãs de Nzinga foram presas e levadas a Luanda. Segundo alguns cronistas, Nzinga não fez negociações para libertar suas irmãs, pois as mesmas forneciam diversas informações sobre Luanda a Nzinga. Em 1633, ela resolveu atacar o Ngola Kiluanji e conseqüentemente alguns portugueses. O ataque ocorria de duas maneiras, conflitava diretamente e estimulava a fuga dos escravos e a insubordinação dos sobas. Todavia, Nzinga tinha adquirido o gosto pelas jóias e roupas européias e enviava presentes ao rei e solicitava tecidos

e objetos para se enfeitar. (PANTOJA, 2000, 115)

Nzinga juntamente com o manicongo, rei do Congo, perceberam as rivalidades existentes entre Portugal e Espanha e a Holanda. Por isso, o manicongo escreveu para os holandeses no Brasil pedindo reforços para lutar contra os portugueses. Ambos, Nzinga e Garcia II, esperavam se beneficiarem no campo político e econômico com os holandeses. Missionários e comerciantes europeus atualizavam os africanos sobre as disputas européias.

Os holandeses tomaram Luanda e estabeleceu uma relação cordial com Nzinga. No entanto, após a expulsão dos holandeses do Brasil, foram enviadas expedições brasileiras para expulsar os flamengos das terras africanas também. Essas expedições foram responsáveis por um novo recuo de Nzinga. Salvador Correia de Sá e Benevides que teria saído do Brasil liderou o banimento dos holandeses de Angola e posteriormente se tornou governador. O grande objetivo dele era reorganizar o tráfico de escravos para a América. Salvador de Sá iniciou um período em Luanda que os “brasileiros” ocuparam grandes cargos. Outro aspecto importante é que os jesuítas contribuíram na reconquista angolana, convertendo a população. Após a reconquista, uma das ações de Salvador de Sá foi uma expedição para punir o reino do Congo. As punições era retirar do manicongo o monopólio dos zimbos, das minas de ouro, da pesca e mil escravos.

Diante desse contexto, Nzinga acatou um acordo de paz com os portugueses. Converteu-se de fato ao catolicismo, se comprometeu a abandonar os costumes mbangalas, suas irmãs foram libertadas esse comprometeu a liberar as rotas de comercio de escravos. Salientamos que Nzinga tinha nesse período mais de setenta e cinco anos.

Nzinga morreu em 1663, depois de uma longa vida ocupada em grande parte em guerrear com os portugueses. Mesmo após sua morte Ana de Sousa como ficou conhecida ao aceitar o batismo, continuou entre nós nas congadas e nos quilombos como Rainha Ginga.

CONCLUSÃO

A história dos povos da África centro-ocidental, mostra uma trajetória de conflitos entre os mesmos, contra os portugueses e alianças entre os mesmos e com os europeus, holandeses e portugueses. Boa parte dos africanos que vieram para o Brasil são oriundos dessa região e por isso, o reino do Congo é lembrado em algumas práticas culturais afro-brasileiras. Pois os mesmos podem ter nascido nesse reino, ou em algum reino tributário ou foi escravizado pelo mesmo. E a Nzinga foi uma rainha, contemporânea de Zumbi dos Palmares, que soube resistir quando foi possível, negociar quando era do seu interesse e dentro das possibilidades que lhe eram apresentadas. E por isso, possivelmente muitos dos africanos que saíram dessa região no período que a mesma viveu ou posterior teria ouvido falar dos seus feitos.

RESUMO

Os bantus migraram para a região da África Centro-Occidental em tempos remotos, e deles descendem os povos do Reino do Congo e do Ndongo. Esses povos eram agricultores, caçadores, pescadores e as atividades eram distribuídas consoante o gênero. E essas características foram herdadas pelos povos desses reinos. Como também a sucessão do trono matrilinear, e o poder das linhagens e a poligamia. Esses povos já conheciam a escravidão e a mesma foi incrementada, e se tornou mercantil após a chegada dos portugueses. Esses levaram produtos asiáticos e europeus para serem trocados por produtos da região e posteriormente por escravos. A elite dos dois reinos se envolveram com o comércio de escravos. Por fim, a história desses reinos é permeada por alianças entre os mesmos, conflitos, bem como uniões harmoniosas com os portugueses e inúmeros confrontos.

**ATIVIDADES**

1. Relacione as características políticas, culturais e econômicas dos dois reinos, Congo e Ndongo.
2. Aponte algumas mudanças ocorridas no Reino do Congo após a chegada dos portugueses.

**COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES**

O aluno deverá identificar as principais características dos reinos do Congo e do Ndongo, bem como as mudanças ocorridas devido a chegada dos portugueses.

PRÓXIMA AULA

Nesta aula estudamos os reinos do Congo e do Ndongo suas características e a Rainha Nzinga. Reinos localizados na África Centro-Occidental. Na próxima aula estudaremos os reinos iorubanos e suas especificidades, os mesmos estavam localizados na África Occidental.





AUTOAVALIAÇÃO

Consigo identificar as principais características dos reinos do Congo e do Ndongo, bem como as suas relações econômicas com os portugueses?

REFERÊNCIAS

- ALENCASTRO, Luis F. O Trato dos Viventes: Formação do Brasil no Atlântico Sul. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- CARVALHO, Filipe Nunes de. “Aspectos do tráfico de escravos de angola para o Brasil no século XVII: 1. prolegómenos do inferno.” In: <http://ler.lettras.up.pt/uploads/ficheiros/3180.pdf>. Acessado no dia 21/06/2010.
- DANTAS, Beatriz Góis A taieira de Sergipe: pesquisa exhaustiva sobre uma dança tradicional do nordeste. Petrópolis: Vozes, 1972. pp.109-110.
- GLASGOW, Roy Arthur. Nzinga: Resistência Africana à Investida do Colonialismo Português em Angola, 1582-1663. Editora Perspectiva: São Paulo, 1982.
- PANTOJA, Selma. Nzinga Mbandi: Mulher, Guerra e Escravidão. Brasília, Thesaurus, 2000.
- SILVA, Alberto da Costa. A Manilha e o Libambo: A África e a escravidão de 1500 a 1700. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 2002. pp. 359-450.